

Sonho é ter casa própria

«Eu tenho muita vontade de morar no que é meu». Este é o desabafo de Maria de Paula Rodrigues, separada, três filhos, uma inquilina típica das cidades-satélites. Morando em um cortiço juntamente com mais 5 famílias em Ceilândia Sul, ela paga aluguel há 13 anos, desde que chegou em Brasília. Pagando 700 cruzados pelos quatro cômodos que ocupa, Maria de Paula participa ativamente das passeatas dos inquilinos da Ceilândia, mas está meio desesperançosa de conseguir um lote próprio.

O barraco de dona Maria, na QNM 25, tem água, luz, esgoto e banheiro próprio e apesar de já ter vivido em casas melhores no setor M. Norte e em outras partes de Ceilândia, ela não reclama de suas condições atuais. A convivência com os vizinhos nestes 5 anos em que ela está lá é muito saudável e seu aluguel terá um reajuste em março, quando acaba o congelamento. A inquilina conta que chegou a ter um lote, ganho através da Shis, mas que o marido, precisando de dinheiro, vendeu-o. Desestimulada pela atitude do marido, Maria não vai se inscrever no cadastramento da Shis, nem tentar pleitear um lote em Samambaia.

Apesar de ter participado dos movimentos dos inquilinos, indo de sua casa até o Setor O andando na chuva, Maria de Paula Rodrigues acha que não é com tumulto e



Maria de Paula

grandes concentrações que o problema poderá ser resolvido. Ela pensa que o GDF poderia construir mais casas populares através da Shis ou pelo sistema de mutirão, que segundo ela, tiraria as pessoas das invasões e das más condições de vida. Um pouco desinformada sobre Samambaia, Maria de Paula ouviu dizer que iriam ser construídos apartamentos para o povo e mesmo descrente de uma solução imediata para o seu problema, ela tem ido às reuniões em igrejas e associações lutar por sua moradia definitiva.